

F Ú R I A

(Fragmento)

José Alcides Pinto

Aqui Fernando Pessoa, mais louco do que nunca,
sentado numa tenda de beira de estrada
conversa com Cesário Verde, Antero de Quental, Antônio
Nobre e Sá Carneiro.
Falam sobre cavalos, elefantes, o comércio varejista de
Lisboa.
Ciganos e cigarros. Falam sobre marcas de cigarros — que
singularidade!
sobre tortas, vinho do porto, o frio da Sibéria.
Sobre a versatilidade das focas e aviões a jato.
Bombas, mísseis, bilhetes de viagens.
Falam sobre cobiças, ratos brancos e fiscais federais.
Isso e aquilo — misturando idéias, absinto e cocaína.
Tanta asneira misturada à mais clara sabedoria.
Lembram Rimbaud na África, mas Antônio Nobre fica triste.
E por um momento se calam, por um momento só.
Dizem, depois, que há atletas demais no mundo e
pouquíssimos escultores.
Falam de especuladores e esculápios.
De pescadores com cestos às costas.
De mulheres grávidas que outrora vendiam flores.
Falam de albergues, adegas e prostitutas.
Das amazonas, das dríades do Minho e do Douro.
Erguem um brinde a Poseidon e a Dionísio.
... "No pégaso e no unicórnio cavalguei" (riso geral).

Creio que, a essa altura, haviam realmente misturado absinto
à cocaína.
"Os atletas" — voltam aos atletas — como uma espécie de
obsessão.
"Os anjos bebem o néctar das flores, mas os atletas se
refeŕtelam
de mel, ovos, carne bovina e toda espécie de verdura.
E há atletas demais no mundo, e poucos, pouquíssimos
escultores".
Depois voltam a falar de Rimbaud, Victor Hugo, Mallarmé e
Valéry.
E esquecem a fome do mundo.